





de l'ins...
de l'ins...
de l'ins...

DA PRODIGIOVA VISA
DA VIRGEM

ROSA DE VITREO

DE VITREO...
DE VITREO...

OS DE VITREO...
OS DE VITREO...
OS DE VITREO...
OS DE VITREO...
OS DE VITREO...
OS DE VITREO...
OS DE VITREO...
OS DE VITREO...

Este Livro deixou nonouistiado
Sora Joana de Jesus q^{da}
foi mestra das novissas q^a.

Comunidade de S^a Clara



Universidade de Coimbra
Faculdade de Letras



1317773723

ROSA FRANCISCANA.

TRATTADO
DA PRODIGIOSA VIDA 3. 21. 971
DA VIRGEM

S. ROSA DE VITERBO,

FILHA PROFESSA DA VENERAVEL ORDEM
Terceira da Penitencia de N. R. Seraphico
S. FRANCISCO.



D. D. 25 609 of.
AOS CHARISSIMOS IRMÃOS DA
mesma Ven. Ordem Terceira da devota Congre-
gação do Real Convento de S. Francisco de Lisboa;
sob a direcção, & governo do Muito Religioso P.
Fr. Domingos da Cruz, prègador, & filho da Pro-
vincia de Portugal dos Frades Menores da Regu-
lar Observancia; perpetuo Cômmissario, & Visi-
tador da mesma Terceira Ordem,
& Congregação.

Sala *CA*
Est. *4E*
Tab. *7*
N.º *3*

Author o M. R. P. M. Fr. MANOEL DO SEPVLCHRO,
Lente jubilado & Padre da Provincia de Portugal.

EM LISBOA. Com licençã.
Na Oficina de ANTONIO RODRIGUEZ D'ABREV. 1673

Da Comunidade de

ROSÁ
FRANCISCANA

TRATADO

DA PRODIGIOSA VIDA
DA VIRGEM

S. ROSA DE VITERBO

FILHA PROFESSA DA VENERÁVEL ORDEM

Terceira de Penitencia de N. S. J. Capitulo

S. FRANCISCO.

AOS CHARISSÍMOS IRMÃOS DA
mesma Ven. Ordem Terceira da devoção Congre-
gação do Real Convento de S. Francisco del. islas;
sob a direcção, & governo do Ministro Religioso P.
Fr. Domingos da Cruz, pregador, & Abade da pro-
vincia de Portugal dos Padres Menores da 1.ª casa
da Obervancia; perpetuo Commissario, & V. M.
cada de mesma Terceira Ordem,
& Congregação.



Escrito e Impresso em Lisboa, no Officio da
Antiquidade & Arte da Escultura de Portugal.

EM LISBOA, Officina de
No. O. da Rua de ANTONIO RODRIGUES D'ARREY. 1673

Handwritten signature or text at the bottom of the page.

S. P.

Aos Charíffimos Irmãos da Ve-
neravel Ordem Terceira da devo-
ta Congregação do Real Con-
vento de S. Francisco da
Cidade, &c.



E pouca fidelidade
he especie o naõ tor-
nar a feu proprio do-
no o que graciola-
mẽte se ẽtregou por empref-
timo; & de muito mayor nota
que o que se empreitou, em
vez de se tornar ao dono se of-
fereça a outrem que o nam he
proprio. Da mão da Venera-
vel Ordem Terceira recebi
graciosamente a Rosa Francis-

cana, para usar do cuidado
della: preciosa, & riquissima
peçatãõ propria da Terceira
Ordem, como o he o rio da fõ-
te, a flor do jardim, & o pomo
da planta; porque da copiosa
planta da Terceira Ordem foi
pomo de ouro mais precioso
que o hesperio; de seu fresco
jardim mais propria Rosa, por-
que cercada de espinhos de
penitencia he a Rosa mais pro-
pria; fonte perenal de virtu-
des, & sanctos, de que manou
este caudaloso rio, para com o
impeto de suas maravilhas, &
graças, alegrar a militante, &
a triumphãte Cidade de Deos.
Nota incurreria eu de pouco
fiel

fiel a essa Terceira Ordem, se a
outrem, & nam a ella mesma
como a proprio dono tornaf-
se, & offerresse a sua Rosa
Franciscana, nem ainda a algũ
particular fogeito, & filho, ou
filha da mesma Ordẽ; porque
o que he proprio de todo o
commum naõ se fatisfaz com
tornalo a algũ particular delle:
sendo que saõ taõ grandes as
personagês até chegar á Re-
al Alteza, que se dera por bem
fatisfeito o commum de se of-
ferecer, & entregar na maõ de
algum delles. Porém valha sã-
pre a justiça, & ao proprio do-
no em cõmunna illustre, gran-
de, & devota Cõgregaçãõ do

Convento de S. Francisco de
Lisboa, que ma entregou, &
commodou; a torno a entre-
gar fielmente, & obsequioso a
offereço. Vem a ser a riquissi-
ma peça, hū clarissimo, & lim-
pidissimo espelho, ornado, &
guarnecido de diferentes pe-
dras preciosas de todas as co-
res, & castas de virtudes, gra-
ças, & doês que compoẽ ele-
gantissimamente huma fermo-
sa, & perfeita Rosa Francisca-
na: posto que hum pouco em-
poado o crystallino do espelho
pello pouco uso, ou naõ uso,
em que a incuria dos homens,
& a injuria dos tempos o tinha
posto, se decentemente guar-
dado

dado. Espelho claro diz S. Gre-
 gorio que he huma vida de hũ
 heroico fogeito, ao qual se cõ
 poem as acçoẽs virtuosas, vẽ-
 dose nelle fielmente o feyo, &
 ofermoso; o quanto aprovei-
 tamos, & o quanto longe esta-
 mos ainda da perfeiçam; para
 que na fidelidade do espelho
 grãgeemos a compostura dos
 costumes, & a imitaçam das
 virtudes, cuja fermofura a-
 charmos manchada, & imper-
 feita. Tal espelho he este da
 prodigiosa Rosa Franciscana,
 que me naõ atrevo a dizer que
 o offerço para imitado, por-
 que quem hade chegar em taõ
 breve tempo a tam dilatadas

*Greg. lib.
 2. moral.
 cap. 1.*

Al. 2. 10
A. 1. 1. 5
1. 1. 1. 1

perfeições? Porém direi que
o offereço claro, & limpo do
pó do esquecimento em que
mo entregaram, em limpo, &
claro portuguez, para q possa
andar nas mãos, & nos olhos
de todos, grandes, & peque-
nos, & passando ao coração,
possam com por todas suas ac-
ções: correndose os imperfei-
tos, & frios, de que, á vista de
tanta luz nam vejaõ, & cõ tan-
to calor de espirito naõ aque-
gaõ; confiando os pequenos,
& fracos, em q naõ he abbre-
viada a mão Divina para fa-
zer semelhâtes maravilhas co-
mo nesta Rosa, & animandose
todos para o amor, & serviço

de Deos, o qual avẽdo respeito
ao ardente zelo da Veneravel
Ordem Terceira, dirigido, &
dirivado como fogo do myf-
terioso carro, aos espiritos que
governa, pello seu bom Com-
missario: terà especial cuidado
de seus augmentos, credito, &
dilataçam, para gloria do Se-
nhor dos espiritos, & do Sera-
phico espirito, que tantos es-
piritos leva a povoar com a sua
Terceira Ordem as celestiaes
cadeiras da patria. De S. Fran-
cisco da Cidade. 14. de Julho.
1672.

Fr. Manoel do Sepulchro.

de Deus, o qual avêdo respeito
ao ardente zelo da Veneravel
Ordem Terceira, dignido,
divido como fogo do mly-
carido caro, aos espiritos que
governam, bello seu bom Com-
munitio: ta a especial cuidado
de laus augmentos, credito,
dilatagão, para gloria do Se-
nor dos espiritos, & do Ser-
phico espirito, que tantos es-
pirtos leva a povos, com a sua
Terceira Ordem as celestias
cabeças da patria. De S. Fran-
cisco da Cidade, 14. de Julho.

Fr. Manoel do Sepulchro.

POr mandado do nosso Reverendíssimo Padre Fr. Joseph Ximenes Samaniego, Leitor jubilado, Theologo da magestade Catholica em sua Real junta da Immaculada Conceição, Comissario Géral de toda a Ordem de nosso Seraphico Padre S. Francisco em esta familia Cismontana, &c. vi o livro que se intitula (Rosa Franciscana) composto pello muito Reverendo Padre Mestre Fr. Manoel do Sepulchro, Lente jubilado, & Padre desta Provincia de Portugal, &c. o Author conhecido he por muy florido em toda a faculdade, & virtude que constitue hum grande fogeito, as flores que ha nelle estaõ recendendo nas obras da Refeição Espiritual, em que todos os que os lem, para refeição das almas, colhem muy doces, & spirituaes fructos: na desta Rosa Franciscana offerece agora o Author hum a Rosa, taõ unica que sendo ainda terra flor, começou logo a ser hum muy fecundo rosal de Santos, & milagrosos fructos; & se ha cedros em Arabia (como refere Plinio lib. 2. naturalis Historiæ) em que a huns fructos succedem outros, sem que entremediem flores, caso bem

bem raro, em os fructos do mui raro engenho
do Author, por maior, & mais suave rarida-
de de huns, & outros media sò huma Rosa
rica com fructos, & com flores, que tudo
se achi neste rosal de tantas virtudes; de tal
forte, & com tanto primor se enlaçam neste
tratado, ou roseo jardim, que por elles vem
a parecer a Sancta hũa mais que humana Flo-
ra, ou com mais justificado titulo a significar
ser ella a Rosa rainha das flores; não poderá
deixar de ser esta rosa mui agradavel, pois
sendo huma contem em sy a virtude, & fra-
grancia de flores de sua virtude taõ diversas;
este muito agrado parece exprimir Stacio
lib. 1. silva 2. quando disse.

Tu modo fronte rosas, violis modo lilia mixta.

Excipis

Apoz tãto agrado se seguirã mui igual esti-
mação, & mais sabẽdo ser esta Rosa taõ antiga
que passa muito mais de 400. annos, nunca
murcha, mas sempre fresca, a quem por ma-
ior assombro estã vendo, & venerando hã
tantos seculos os mortaes, sepultada em sy
mesma como viva, & como em milagroso, &
immortal tumulo. A mais gloriosa coroa que
na terra para admiração deliciosa dos senti-

dos

dos lhe poderam tecer as flores varias de sua
mui engraçada virtude. Capitulino encarece
muito a coroa do Emperador Eliodoro, por
ser composta de flores, que não eraõ daquel-
le tempo. (*Corona alieni temporis floribus ador-
nata.*) Quanto mais para encarecida he esta
Rosa, que apezar da terra sem necessitar de
seu humor, se conserva compondo a si mes-
ma taõ antiga como preciosa coroa. Mamer-
tino pondera o bem que se devem aceitar
frutas de outro tempo, neves em veraõ, &
rosas em inverno (*Alieni temporis poma, aestivas
nives, & hybernas rosas.*, esta Rosa achará sem
duvida a maior aceitaçaõ, porque não he sò a
flor das rosas em veraõ como se diz em o Ec-
clesiast. cap. 10. *Quasi flos rosarũ in diebus ver-
nis,* mas Rosa de flores, & fructos que flore-
ce, & frutifica a todo o tempo, sendo tam-
fõra d'elle, como de outro seculo: a todos faz
celebre o Authoresta Frãiscana Rosa, & sen-
do Rosa por nome da natureza, a titulo da
arte mui douta de seu ingenho, ficará parecẽ-
do a mais celestial maravilha a todos; tanto
parece assi que a revista da obra mais foi pa-
ra deleitar em maravilhas, que para achar
cozas que descompuzesse o que parece ser
hum

hum taõ bem concertado jardim de flores.
Bem pôde o Author dizer que as flores de
seu primeiro engenho em suas mui doutras
obras são fructos de honra: *flores mei fructus
honoris*, Ecclesiast. 24. mui taõs em nossa san-
ta Fè, & todo o bom costume, do bonissimo
cheiro em a doutrina dos Sanctos, de grande
honra para a Religiam Seraphica, & de mui-
to fructo para os devotos desta Franciscana
Rosa: que he mui justo não se imprima
pello estillo vulgar, mas que por mui cordial
affecto se estampe nos coraçoes de todos.
Assi o julgo. Em Lisboa S. Francisco da Ci-
dade a 14. de Julho de 1672.

*Er Antonio de Sancto Thomas Lente de
Prima, & Qualificador do Sancto Officio.*

FR. Iozeph Ximenes Samaniego Lec-
tor Jubilado, Theologo de la Mage-
stad Catholica en su Real Junta de la
Immaculada Concepcion, Cõmissario Gene-
ral, y sirvo de toda la Orden de nuestro
Seraphico P. S. Francisco en esta Familia
Cismontana, &c. Al P. Fr. Manuel del Sep-
ulcro, Lector Jubilado, y Padre de Nu-
estra Provincia de Portugal salud y paz en
Nuestro Señor Iesu Christo.

Por

Por quãto V. P. nos hà hecho relacion de que hà compuesto un tratado de la Prodigiosa vida de Santa Rosa de Viterbo, (y le hà puesto por Titulo Rosa Franciscana) el qual en cumplimiento de nuestros Estatutos le remitimos a Personas Doctas de nuestra Religion, para que le viesse, y censurasen; y aviendolo aprobado, nos pide nuestra Bendiciõ, y licencia para que se imprima. Por tanto, teniendo satisfacion de la Persona de V. P. y que de sus buenas letras, y trabajos se han de conseguir felices progressos entre los fieles, y ser de grande provecho, y utilidad a la S. Iglesia Catholica; por virtud de las presentes concedemos a V. P. dicha licencia para que pueda dar a la Estampa, & imprima el dicho tratado, cuyo titulo es Rosa Franciscana, guardando en todo lo que el Sancto Concilio de Trento ordena, y las Prematicas Reales mandan. Dada en nuestro Convento de S. Antonio, Ciudad de Lisboa en 18. de Julio de 1672.

Fr. Joseph Ximenes Samaniego
Comissario General.

Loco ✕ Signi.

Por mandado de su Reverendissima.

Fr. Sebastian de Arrejo pro Secretario Geral de la Orden.
Registrada lib. 2. fol. 419

Licenças do Sancto Officio.

Excellentissimo Senhor.

Leste tratado da vida, da morte, & depois da morte da Virgẽ Sãcta Rosa de Viterbo filha do grãde P. S. Francisco natural de Italia, como a outra Sãcta Rosa natural de Lima, filha de S. Domingos; ambas ellas rosas dos Altares da Igreja: mui parecidas nos nomes, & nas virtudes; & o Author da Rosa Franciscana he o Reverẽdo P. Mestre Fr. Manoel do Sepulchro, Lente jubilado, & Padre da Provincia, Religioso de taõ grandes letras, que naõ dirã nũca cousa cõtra a Fẽ, ou bõs costumes, como naõ diz neste livro; & assim sou de parecer q̃ V. Excellencia, & o Sancto Tribunal lhe mande dar a licẽça que pede, para que este Thesouro espiritual se publique, & se possua. S. Bẽto dous de Agosto 672.

O Doutor Fr. Torze de Carvalho.

Excellentissimo Senhor.

Licom especial attençaõ a prodigiõsa vida da Virgem Sancta Rosa, & nam
aghei

acheinolla cousa que encontre nossa sancta
Fé, ou bons costumes: antes toda esta histo-
ria, como vay. pia, & doutamente ajuizada
pelo Reverendo, & douto P. Escriptor, en-
tendo cederâ em grande augmento da pie-
dade catholica, & confuzam da impiedade
heretica, hoje dous de Setembro. 1672.

Doutor Bento Pereira.

Vistas as informações pode se im-
primi neste livro, intitulado Rosa
Franciscana, Author o P. Mestre
Fr. Manoel do Sepulchro, & impressor tor-
narâ para se conferir, & se dar licença para cor-
rer, & sem ella não correrâ. Lisboa dous de
Setembro. 672.

*Fr. Pedro de Magalhães. Manoel de Magalhães
de Menezes. Alexandre da Silva. Manoel
Pimentel de Sousa.*

**Podese imprimir. Lisboa seis de Outubro
de 1672.**

Fr. Bispo de Martyria.

Licença

SS

Licença

Licença por ordem de V. A. y esta prodigiosa vida de Sancta Rosa de Viterbo, composta pello R. P. M. Fr. Manoel do Sepulchro, Mestre, & Padre da Provincia de Portugal da Regular observancia: glorioso Sepulchro, donde sae com vida tal Sancta, & com taõ gloriosa vida. Nam tem couza alguma que encontre as nossas Ordenaçoes, & Leys do Reino; & me parece muy justo, que se dê a estampa para ter mayor esfera, para todos a saberem, & correrem ao cheyro desta rosa, na imitaçam das Virtudes, & expectaçam dos milagres. Lisboa Saõ Roque dous de Outubro de 1672.

Manoel de Andrade

Que se possa imprimir vistas as licenças do Sancto Officio, & ordinario, & depois de impresso tornará a esta Meza para se conferir, & taixar, & sem isso não correrá. Lisboa seis de Setembro de 1672.

Monteyro. Mig. lhães de Menezes. Miranda. Carneiro.

Excellentissimo Senhor.
Las addiçõs da Rosa Franciscana
que compoz o P. M. Fr. Manoel
do Sepulchro, & naõ tem cousa
contra a Fè, ou bons costumes, & se lhe pô-
de dar a licença q' pede. Setembro dous de Ja-
neiro 673.

O Doutor Fr. Iorze de Carvalho.

Excellentissimo Senhor.
Las addiçoens feitas ao tratado da
vida, & morte de Sancta Rosa, &
naõ tem cousa que encontre a Fè,
ou bons costumes, antes muitos que e podem
ceder em honra de Deos, & sua Sancta,
hoje 15. de Janeiro 1673.

Doutor Bento Pereira

Vistas as informaçõs podem se im-
primir as addiçoens ao livro da
vida da Beata Rosa Franciscana,
feitas pello P. M. Fr. Manoel do Sepulchro,
& impressas tornaram ao Conselho para se
conferirem, & se dar licença para correrem.

& sem ella não correram. Lisboa 17. de Janeiro de 1673.

Manoel de Magalhães de Menezes. Alexandre da Silva. Manoel Pimentel de Souza. Fernam Correa de la Cerda.

Visto estar conforme com o original pôde correr este livro. Lisboa 11. de Abril de 673.

Manoel de Magalhães de Menezes. Alexandre da Silva. Manoel Pimentel de Souza. Fernam Correa de la Cerda.

Taxaõ este livro em o. em papel. Lisboa 12. de Abril de 673.

Magalhães de Menezes. Lemos.

Miranda. Roxas.

Visto estar conforme com o original pôde correr este livro. Lisboa 11. de Abril de 673.



PROLOGO.



Regra he sabida do Di-
 reito commum que o q³
 a todos toca, por todos
 deve ser approvado; E
 per consequente o que a todos per-
 tence, sogeito fica ao juizo, E cẽ-
 sura de todos. E quando regra não
 for a tam celebre, E expressa no
 Direito, bastara o costume para
 fazer ley, q³ tambem conforme ao
 mesmo Direito faz ley o costume.
 E como he observado este entre os
 q³ se expoẽ á cõmun cẽsura, obri-
 gado fica, E devedor de sati fa-
 çam a todos, o que a todos quer q³

Reg. 29.
 de Reg.
 juris in 6

L. de quĩ
 bus ff. de
 legib. §.
 & non
 scripto.

c. Con-
 tucuda
 1. d.

sua obra pertença. Bem he ver-
dade que a deste nosso tratado pu-
derá por menor ficar izenta da cõ-
mũ ley; E nam ser capaz de con-
trahir dividida por pequena, de pou-
co corpo, E de breve fôrma; porẽ he
tam grande a materia, que vem a
ficar a grandeza della sogeita co-
mo se fora de grandissima fôrma, a
dar satisfaçam aos muitos acré-
dores que a esperam; E nam lhe
valendo a menoridade, ainda an-
tes de sabir a luz pode ser que ca-
yam sobre ella seus acrédores. Rosa
Franciscana he a materia deste
tratado, E tam grande materia,
que excedendo os limites da cre-
dulidade humana, fica o credito
de sua prodigiosa vida devoluto

ao supremo da Omnipotencia di-
vina, que quiz pera ostentaçãõ de
sua sabedoria cifrar em tam cur-
tos annos (que nam chegaram a
dezoito) larguissimas idades de
maravilhas; E com bem propria
acommodaçãõ verificar se em tão
breve Rosa, que: *Consumata in
brevi, explevit tempora multa.* ^{Sap. 4.}

2 A primeira partida que
da divida se offerece pera a satis-
façãõ he, que sendo esta nossa Ro-
sa Franciscana tam antiga em ser
sancta, que ha mais de 400. annos
que logra os applausos, E culto de
tal; vem agora no fim de tanto tẽ-
po a sabir de novo hum trattado
de sua vida. Bem pudera esta di-
vida por tam antiga usar do di-

reito da preferencia; porêm na
mesma confissam da parte se acha-
rà no livro da antiguidade Descar-
regada a satisfacção della: por que
confessandose que he Rosa tão an-
tiga em ser sancta, não se pode ne-
gar que desde então atégora con-
tende. E gloriosamente prevale-
ce contra a força da corrupçam, q̃
he a mais propria, E valente ar-
ma do tempo; E assim he muito
que saya a renovar se sua memoria
apezar das hostilidades delle. He
o Tempo capital inimigo, E de-
clarado contrario da perpetuida-
de; E contra ella applica todas
as forças de seu violento impe-
rio, tão atreuidamente, que
com mais temeridade que os fa-

bulosos Gigantes em sua thecma-
chia, parece que dá tanto que
fazer ao Celestial reyno da eter-
nidade, que pella força que o
Tempo lhe fazia, seria necessario
quando esse Celestial reino qui-
zer lograr a eternidade seguro,
venha hum Anjo como Rei de
armas do Cordeiro divino, a de-
clarar que já o Tempo he de todo
acabado, & consumido, & cra-
vada pera sempre a variedade de
suas rodas, para que já mais pos-
sa inquietar os seguros da eterni-
dade.

Apoc.
10.

3 Da violenta força do Tem-
po não escapam soberbos edificios,
nem torres altas, nem fortes mu-
ros; porque tudo finalmente a

mãos

Cæl. Ro
dig. lect.
antiq. l.
13. c. 21.

a mãos do Tempo se acaba; sendo
que por suas mãos tudo no mundo
passa. No antigo, & infauso Sa-
turno o symbolizou bem a erudi-
çam humana, em suas methologi-
as elegantemente lançadas em a
de Galio Rhodigino; por que de Sa-
turno fabularam, que os mesmos
filhos que gerava, vinha depois a
comer; & assim o Tempo vem a con-
sumir, & gastar tudo quanto elle
mesmo gera. E dominando este pre-
judicial Planeta sobre todas as cou-
sas sublunares, predomina sobre a
memoria humana com tanta mais
força, quanto maior fundamento
acha na philosophia de sua natu-
reza, por quanto a memoria cons-
ta de diferentes especies, acquiri-
das

das de diuersos objectos, E guar-
dadas em seu thesouro; E como as
que de nouo sobreuem são mais sen-
siueis, E viuas na representação;
assombram, opprimem, E mortifi-
cam as antecedentes, E mais anti-
gas. Por esta causa faz o Tempo
gastar com mais facilidade a lem-
brança do passado, de maneira q̃
faz enfraquecer o que mais effi-
caz, E forte parecia, até que pou-
co, E pouco o sepulta nas treuas do
esquecimento.

4 Não contente a força do
Tempo com fazer no profano, que
pellos amigos novos esqueção os
antigos; não valendo a immunida-
de da Igreja, entra insolente elle
até no sagrado, E faz vulgar di-

zer, que pellos sanctos novos esque-
cem os velhos. Estes mesmos que
agora vemos tão celebrados, tão
festejados, tão applaudidos, daqui
a poucas centurias se veram algũs
esquecidos por outros, que a fecũ-
didade da Igreja ha de hir pro-
duzindo, E sempre aos mais no-
uos mais festejando; pella mesma
razão que as letras divinas apon-
tam, para que o velho Iacob tiues-
se por mais mimoso, E trattasse
com mais galantaria de vestidos a
Ioseph, que aos outros seus filhos:

Gen. 37. Eo quod in senectute genuif-
set eum. Sem prejuizo do direito
dos outros irmãos, era tratado Io-
seph com mais demonstraçoens de
favores; mas nem por isso perdia

Ruben

Rubens o titulo de primogenito, nã
Iudas o direito da coroa, nem Levi
a dignidade do Sacerdocio. Nem
semelhantemente por seu modo se
põde dar rezaõ do festejo, & favo-
res que faz aos novos Sãctos a an-
tiquissima, mas sempre fecunda
Egreja Romana, se naõ: Eo quod
in senectute genuisset eum; sã
por isso padecerem prejuizo as glo-
riasas obras, & ditosos graos dos
passados, & mais antigos Sanctos,
& Sanctas. Para renovar pois a
memoria dos antigos, atẽ a mesma
Egreja usa da revoluçãõ dos an-
nos, tornando em cada hum dells
a renovar a lembrança de suas he-
roicas obras, (advertencia do Pa-
pa S. Leão) para que a violencia

Leão.
Serm. 4.
do quadrag.

do tempo a não cōsumma. Quem se
não der por satisfeito com o sobre
ditto, librarheemos a satisfação
da divida na renovação dos ve-
lhos edificios, viveza da enfra-
quecida valétia das gastadas pin-
turas, E reformação das Escrip-
turas antiquadas; E la vera a sa-
tisfação que acha da rezão que
nós temos de tratar depois de tan-
tos annos de trazer á memoria a
prodigiosa vida que contem estes
breves escriptos.

5 A outra satisfação que se
demanda he, como havendo tãtos
livros, E tãto graves Authores q̃
tratam desta prodigiosa Virgem,
ou envolvida com outros seme-
lhantes sogeitos da Egreja, ou em

particulares livros, & tratados
proprios de sua sancta vida; faya-
mos agora com este pequeno trata-
do, no qual por vëtura se não ache
mais, antes com menos asseyo, &
elegãcia que o que os outros escre-
uerão. A isto satisfaço eu em mo-
eda corrente de que nem todos tem
todos os livros, nem todos sabem as
diversas linguas em que elles an-
dam; & nenhum tem até agora
neste Reino que na patria lingua,
& vulgar idioma portuguez, de a
conhecer esta prodigiosa Esposa do
Senhor, que com tantos, & tam
singulares favores, & extraordi-
narios doens a quiz illustrar, &
fazer famosa em sua Egreja.
Equãdo no anno de 1668. na me-

retissima

retissima celebridade, que a Ange-
lica Religiam Dominicana fez a
beatificação da sua bellissima Rosa
ornato de seu rosario, e augmento
da fragrancia de seus candidos li-
rios; prégando eu no seu real Con-
uêto de Lisboa, em Ordem a Sãcta
germanidade da nossa com a sua
Ordẽ aponte; Paralelas, e syno-
nomes Sanctas, como de Ines, Mar-
garida, Catherina, e outras; sabi
tambẽ cõ mais particularidade cõ
as mesmas rosas tão parecidas nas
virtudes, como nos nomes. Pareceo
tambem entãõ ao deuoto pouo, que
em grandissimo numero se achaua
presente, das duas Rosas a breuis-
sima noticia que para correspon-
dencia dei da Franciscana, que

de sãe

desde logo se solicitou mais larga
relaçam della; porém não tiuera o
pretendido effeito pella fraqueza
já de minhas forças, se dahi a pou-
co tempo me nam alentara o favor
que a Sé Apostolica anno 1670,
E 71. fez a toda a nossa Religiam
de ambos os sexos de officio proprio
desta sancta para 2. dias em cada
hum anno, conuém a saber o de sua
gloriosa morte em 6. de Março; E
de sua portentosa trasladaçam em
4. de Setembro: como refrescando
a antiga memoria de sua prodigi-
osa vida, E renouando a solenidade
de seu antigo culto. Assi como pude
á instancia da Terceira Ordem
Franciscana, de quem esta Sancta
em vida hauia sido professa, posto

que depois de morta foi feita freira de Sancta Clara, compuz este breve tratado em nossa lingua Portugueza, para com mais facilidade, e com melhor intelligencia andar nas mãos de todos os fieis, e bem affectos á virtude.

6 Acharseham nelle alguns poucos episodios, e diggressoens do fio da historia, (de quem tambem se esperar á satisfacção) porẽ o mesmo encargo que se me deu da historia, se me impoz de que nam fosse ella nua, e crua (como dizẽ) ou como m'era vida do *Flos sanctorum*; mas com suas moralidades, doutrinas, e documentos para a oração, e outros exercicios de virtudes, de que esta Sancta

Virgema

Virgem, e perfeita beata Terceira foi dotada; para que nella como em espelho pudessem ver os devotos o como se havião de compor no serviço de Deos, charidade dos proximos, e aproveitamento proprio. Alem de que para a mesma substancia da historia forão necessarias muitas averiguações de tempos, Pontifices, e impugnações de opiniões diferentes; o qual tudo dependia de muitas noticias, authores, livros, e tratados, a que conduzirão muito os manuscritos, e annotações de hum religioso grave, e bem visto em boas letras para este fim requizitas. Estando esta obra de todo concluida ouve novas da villa de Madrid

N. Ad-
ci, l. 110
Proem.
F. 199.

que avia sido a luz hum tratado
da vida desta sancta, traduzido de
Italiano e Espanhol por hu religi-
oso de nossa Ordem, de que até ago-
ra se nos não fez copia, mas se em-
bargo de que será muito, sem-
pre deste nosso fica salvo o prestimo,
por ser em nossa patria lingua, ra-
zão que tãbem obrigarã ao so-
bredito traductor a vertello da
lingua Italiana na vulgar sua.
Mas como depois pello discurso
desta impressão chegou noticia ma-
is clara do tal livro, foi necessario
fazer sobre elle humas addicoens,
q se acharã na dit. pag ceto Eno-
venta e nove no Proemio das qua-
es se verá a recopilacão delle. E co-
mo este foi o sancto intento da Ter-

ceira

ceira Ordem, & meu unico empe-
nho de aproveitar a muitos, pode-
ra desculpar-me das muitas faltas
da obra, & grandes defeitos de
elegancia no estilo; o mesmo zelo
com que ja me desculpei no traba-
lho da Refeição Espiritual, &
juntamente ser este tratado bem
aceito de quem o ler, com aboa vò-
tade, & cortez agrado, que mere-
ce huma boa correspondencia de
animos.

Valle,

Protesto do Author.

E V. Fr. Manoel do Sepulchro Author deste Trattado intitulado Rosa Franciscana, que he da prodigiosa vida de S. Rosa de Viterbo; protesto livremente em o Senhor quanto em direito posso, & devo, que não he minha tenção dizer, nem escrever nella cousa alguma que seja contra a Fè, ou bons costumes: nem contravir em algũa maneira aos decretos Apostolicos, disposições do Sagrado Concilio Tridentino, ou Ordenações, & estilos do sagrado Tribunal do Sancto Officio. E porque no discurso, ou incidentes do mesmo trattado acontece falar em fervos, & servas de Deos, com titulo de Beatos, & Martyres, & em revelações; protesto outro sy que não he minha tenção dar-lhes, nem applicar-lhes mais authoridade, culto, veneração, & credito, que o que lhes dão os graves, & aprovados Authores nelle allegados; nem que por estes meus escritos ganhem mayor credito, antes fiquem sempre nos termos da disposição do senhor Papa Urbano VIII. de 13. de Março de 1625. retificada em 5. de Junho de 1634. estado tambem por sua explicação de 5. de Junho de

1631.

1631. & em tudo, & por tudo, affina a primeira parte do trattato, como tambem nas addiçoẽs sobre elle; me submetto ao juizo, & censura do sancto Tribunal da Inquisiçaõ, & de seus Ministros, no Convento de S. Francisco de Lisboa em 14. de Julho de 1672.

Fr. Manoel do Sepulchro.

Summa dos Capitulos da Rosa Franciscana.]

- Cap. 1. Patria, & nascimento de S. Rosa pag. 1.
Cap. 2. Tempo em que nasceo S. Rosa, & suas circunstan-
cias. pag. 5.
Cap. 3. Conveniencia, & significaçães do nome de Rosa
pag. 10.
Cap. 4. Prodigiosa infancia de S. Rosa p. 15.
Cap. 5. Chegã S. Rosa pella oraçãõ ao perfeito da vir-
tude. pag. 20.
Cap. 6. Singularidade da virtude da Oraçãõ de S. Rosa.
pag. 25.
Cap. 7. Sabese do voto de virgindade que fez S. Rosa
pag. 28.
Cap. 8. Effeitos da virginal pureza de S. Rosa. pag. 33.
Cap. 9. Virtude da charidade da Santa, & milagre das
Rosas. pag. 38.
Cap. 10. Outros milagres da prodigiosa infancia de S.
Rosa. pag. 46.
Cap. 11. Chega S. Rosa aos sette annos, & exercita a
vida solitaria. pag. 53
Cap. 12. Padece S. Rosa mortal enfermidade, & re-
cebe nella celestiaes favores. pag. 59.
Cap. 13. 1.ª Terceira S. Rosa começa a padecer pella
virtude. pag. 65
Cap. 14. Vai desterrada S. Rosa com toda sua geraçãõ,
prega com mayor fervor, & da vista a huma cega de
seu nascimento. pag. 71.
Cap. 15. Entrando em huma fogueira converte a hu-
ma herege; & obra outras maravilhas. pag. 77.
Cap. 16. Revellase a S. Rosa a famosa tomada de
Damiata. pag. 84.
Cap.

Index.

- Cap. 17. Morre o Emperador Frederico, & torna S.
Rosa para sua patria. pag. 94.
- Cap. 18. Negase o habito de freira a S. Rosa, & profetiza para depois de morta. pag. 100.
- Cap. 19. Torna-se S. Rosa ao retiro de sua casa, & passa nella desta vida. pag. 109.
- Cap. 20. Ajustase o tempo do glorioso transito de S. Rosa. pag. 118.
- Cap. 21. Credito dos milagres de S. Rosa com a copia da bulla Pontificia. pag. 128.
- Cap. 22. Maravilhosa trasladaçam de S. Rosa. p. 138.
- Cap. 23. Beatificaçam, & rito de S. Rosa. p. 149.
- Cap. 24. Estado em q. se acha o corpo de S. Rosa. p. 155.
- Cap. 25. Milagres depois da morte de S. Rosa. p. 166.
- Cap. 26. Dous mortos resuscitados por S. Rosa. p. 173.
- Cap. 27. Tradiçam das Caldas de Viterbo. pag. 181.
- Cap. 28. Escriptores que trataram de S. Rosa. p. 188.
- Cap. 29. E ultimo. Recapitulaçam dos milagres, & prerogativas de S. Rosa. pag. 192.

pag. 222.



Remissão dos Capitulos deste Trattado às Addições
do fim

Ao Cap. 1. Responde a Addição 1.	pag. 203.
Ao Cap. 4. Responde a Addição 2.	pag. 209.
Ao Cap. 8. Responde a Addição 3.	pag. 217.
Ao Cap. 9. & 10. Responde a Addição 4.	pag. 218.
Ao Cap. 12. Responde a Addição 5.	pag. 222.
Ao Cap. 13. Responde a Addição 6.	pag. 227.
Ao Cap. 14. Responde a Addição 7.	pag. 233.
Ao Cap. 15. Responde a Addição 8.	pag. 238.
Ao Cap. 18. Responde a Addição 9.	pag. 239.
Ao Cap. 19. Responde a Addição 10.	pag. 240.
Ao Cap. 20. Responde a Addição 11.	pag. 242.
Ao Cap. 22. Responde a Addição 12.	pag. 244.
Ao Cap. 23. Responde a Addição 13.	pag. 247.
Ao Cap. 24. Responde a Addição 14.	pag. 248.
Ao Cap. 25. Responde a Addição 15.	pag. 249.
Ao Cap. 26. Responde a Addição 16.	pag. 253.
Ao Cap. 29. Responde a Addição 17. & ultima	pag. 255.



Outra Summa das Addições, com correspondencia
aos Capitulos do Tratado.

Addição 1. pag. 203. ao Cap. 1.	pag. 1.
Addição 2. pag. 209. ao Cap. 4.	pag. 15.
Addição 3. pag. 217. ao Cap. 8.	pag. 33.
Addição 4. pag. 218. ao Cap. 9. & 10. pag. 38. & 46	
Addição 5. pag. 222. ao Cap. 12.	pag. 59.
Addição 6. pag. 227. ao Cap. 13.	pag. 65.
Addição 7. pag. 233. ao Cap. 14.	pag. 71.
Addição 8. pag. 238. ao Cap. 15.	pag. 77.
Addição 9. pag. 239. ao Cap. 18.	pag. 100.
Addição 10. pag. 240. ao Cap. 19.	pag. 109.
Addição 11. pag. 242. ao Cap. 20.	pag. 118.
Addição 12. pag. 244. ao Cap. 22.	pag. 138.
Addição 13. pag. 247. ao Cap. 23.	pag. 149.
Addição 14. pag. 248. ao Cap. 24.	pag. 155.
Addição 15. pag. 249. ao Cap. 25.	pag. 166.
Addição 16. pag. 253. ao Cap. 26.	pag. 173.
Addição 17. pag. 255. ao Cap. 29. & ultimo p. 192	

Fim das summas.



Summa de...
de...
de...

Summa de...
de...
de...

Ad... pag. 202. de...
Ad... pag. 203. de...
Ad... pag. 204. de...
Ad... pag. 205. de...
Ad... pag. 206. de...
Ad... pag. 207. de...
Ad... pag. 208. de...
Ad... pag. 209. de...
Ad... pag. 210. de...
Ad... pag. 211. de...
Ad... pag. 212. de...
Ad... pag. 213. de...
Ad... pag. 214. de...
Ad... pag. 215. de...
Ad... pag. 216. de...
Ad... pag. 217. de...
Ad... pag. 218. de...
Ad... pag. 219. de...
Ad... pag. 220. de...

Finis de Summa.





ROSA FRANCISCANA.

CAPITULO I.

Patria, & Nascimento de S. ROSA.



ENTRE as Cidades de nome,
& de Cadeira Episcopal, de
que consta aquella boa parte
de Italia, que se diz Etruria,
Tuscia, & comumente Tos-
cana, nas terras da Igreja, que he o patri-
monio de S. Pedro, conforme a concordata
da demarcação entre a Duqueza Matilde,

A

& Papa

2 *Rosa Franciscana*

& Papa Paschoal II: he hũa a que os antigos chamãram Vetulonium, & vulgarmente se chama Viterbo; bem celebre por sua antiguidade, porque dizem ser hũa das cinco Cidades, que edificou Romulo Fundador de Roma, que pello menos saõ sete centos & cincoenta annos antes da vinda de Christo: & outros lançam sua antiguidade mais avante, como provam suas antigas armas, & insignia, que Pierio Valeriano, diz ser huma columna, em cima da qual se vem dous Açores, como que estam oppostos hum contra o outro; que mostram ser as duas colunas do *Non plus ultra* do antiquissimo Hercules. E muito mais conhecida pella bõdade do terreno, & fermoso sitio da Cidade, a quarenta milhas de Roma, q̄ v̄ a fazer treze leguas; o qual he hũ fermoso plano, q̄ faz dilatado valle aos alegres montes, q̄ de toda a parte a coroam antes q̄ cercaõ, em distãcia igual de hũa legua; & dêtro da Cidade tẽ as suas celebres sette fontes (ou chafarizes) que com a abundancia de cada huma dellas a provem, & lavam. Muito mais famosa he Viterbo por ser ordinario retiro, & refugio, ou Cidade que

Pier. Va-
ler. de Ac.
Epitre.

que servia de refugio aos Pontifices Romanos todas as vezes que eram perseguidos, & vexados em Roma. Por esta causa por ventura, ou porque a gente della he naturalmente de boa inclinaçam, & amiga de fazer bem, & socorrer de boamente aos necessitados; he chamado povo sancto; & assi o cantou delle hum famoso Poeta, que em hum versiculo fez elogio a cada huma das Cidades de Italia, & a Viterbo coube o seguinte.

Gerard.
Me'cat.
discrípfit
Ital,

Viterbij conventus opem fert sanctus egenis.

2 Nesta Cidade pois viviam dous honrados, & bons casados, Ioaõ, & Catherina, nobres cidadaõs de Viterbo; hum pouco descontentes de lhes faltar o doce fructo de sua conjugal companhia; o qual pediam a Deos com instantes oraçoens, & obras boas. Por despacho de suas petiçoens lhe concedeo o Ceo huma filha, & filha de bençam, a qual desde logo dotou a natureza com grãde parte do que seu cabedal abrange. Chegado o ditoso dia de seu Baptismo, que foi em sua Parrochia de Santa Maria de Poggio, sahio a

N. Addit. 2

4 *Rosa Franciscana*

minina da sagrada fonte entre o branco do elemento, & o purpureo do sangue do Author dos Sacramentos, que lhe dava a virtude; por graça, & per nome Rosa: como vestida da cor da gala de seu Esposo divino, que he candida, & rubicunda, para a cōservar todo o tempo de sua vida pura, limpa, & sem mancha algũa mortal que offender pudesse seus olhos divinos. E porque sobre a gala avia o Esposo lançado a riquissima joya de hũ nome novo; por quanto o excelentissimo de Jesus dizem os Doutores Catholicos, & eruditos no hebraismo; que foi o unico, & primeiro que na terra se achou, conforme ao prophetizado por Isaias: & nenhuma outra pessoa humana o logrou primeiro, que a divina, por mais que em algumas ouvesse algũ semelhante. Por tâto parece que a providencia quiz que esta nova Esposa sobre a nova gala, & graça com que do Baptismo sahia, lançasse tambem huma loyafinha, que por seu modo em algũa maneira se parecesse com a do Esposo, em ser nome novo; porque este de Rosa he unico, & primeiro que no Martyrologio Romano na Igreja de Deos se

Maia: 65.

Maia: 65.

-ini

GA

se

Capitulo I. 5

se achava até a presente idade, em que essa
Egreja se quiz (como Rebecca) ornar com du-
as arrecadas, ou duas joyas de correspon-
dentes Rosas; huma de huma parte Oriental
da Christandade, Viterbo; outra da Occidē-
tal, Lima. Porque o Esposo Divino se diz
que para fazer seu luminoso curso, usou do
Sol, como de thalamo; & do Ceo Rosa di-
xe Platam, que era o Sol. E porque seus pas-
sos eram de Gigante, para caminhar por ca-
minho de rosas, abrangeo com elles desde o
Nascente com hũa Rosa Franciscana, até o
Poente com outra Rosa Dominica.

Gen. 24

Gen. 24

Plat. apud
Rhodig.
L. 24. c. 103

CAPITULO II.

*Tempo em que nasceo S. Rosa, &
suas circunstanças.*

O Anno do Senhor, em que a Santa
Virgem Rosa nasceo, não he fa-
cil de ajustar; porque o ruido das
armas, & a turbulencia dos tempos, não dei-
xaram lugar mais que de espanto de como se
attendeo ainda ao mais prodigioso, & raro;

6 *Rosa Franciscana*

quanto mais para fazerem menção de outras cousas mais ordinarias, & miudas. Porém remettendonos por hora (por não embaraçar o fio da historia) ao que em seu lugar como proprio, avemos de averiguar; supponmos que a Santa Virgem Rosa nasceo no Anno de Christo de 1234. nos ultimos de Abril, ou principio de Maio: que quando avia de nascer Rosa fenaõ na primavera. Era entaõ Pontifice Romano Gregorio IX. Emperador do Occidente Frederico II. Rey do nosso Portugal D. Sancho II. que chamáráo Capello; não pella razão, ou sem razão, que muitos cuidam de sua inercia, ou pouca capacidade, levados do que os mais daquelle inquieto tempo escreverão; ou pella emulação, & descontento de seu mal afortunado governo; ou por lizonja do que a elle se seguiu com melhor fortuna, porque a pos esta se vai ordinariamente a gente do tempo. Mas estas nevoas, que occupavam entaõ os olhos, se vam já desfazendo pello sol da verdade dos que em papel mais lizo foram escrevendo, que se podem ver na bem trabalhada, & plausivel historia Seraphica do Padre

dre

Infra cap.
20.

Capitulo II.

7

dre Mestre Esperança ; onde tambem toca algumas das muitas virtudes , boas obras , & valor deste Principe ; dando a legitima razão do appellido de Capello : & vem a ser , que se prezava tanto de ser filho da Terceira Ordem da Penitencia de S. Francisco , que patente trazia o habito della , que os Irmãos Terceiros usavam em aquelle tempo ; que era hum modo de Capello , ou murça ; como tambem o trazia seu primo o Christianissimo Luiz IX ; que neste mesmo tempo do nascimento de Sancta Rosa reinava em França com sua Mae Dõna Branca , grande serva do Senhor , filha tambem da mesma Terceira Ordem. E no mesmo tempo em Castella reinava Dom Fernando III ; que sempre chamáram o Sancto , & já agora a Igreja o tem por tal declarado.

Debaixo destes illustres , & gloriosos Planetas foi o nascimento desta Sancta menina , como em aquelle anno de benignidade , cuja coroa o Propheta Rey tambem Sancto deixou escrito , que Deos avia de abençoar : quasi para se lhe poder levantar figura , que avia de ser Rosa , & rica joya para rema-

Hist. Ser.
1. p lib. 4.
cap. 36.

Pfal. 64.

Wanding.

te das Coroas de seu tempo, com benigno auspicio na mystica astrologia das casas celestes. Em a casa de Vngria na Sancta Princeza Dõna Isabel filha d'el-Rey Andre, que se pode gabar, que não perdeu em o Ceo o Estado de Princeza na terra, pois nelle (como piamente se deve crer) se acompanha de quatro donnas, ou criadas suas, que no mesmo habito da Terceira Ordem, foram na virtude discipulas da Sancta Princeza, que por este tempo foi pello ditto Papa Gregorio IX. canonizada. Na Casa de França no glorioso Rey S. Luiz, & Rainha Maea sobreditta Dõna Branca. Na Casa de Aragaõ avia de nascer S. Isabel Sobrinha da outra de Vngria, para vir a ser Rainha de Portugal, porque nem esta casa viesse a escapar da vizinhança desta gloria, com a que logram ainda hoje seus Reaes descendentes.

3 Finalmẽte era quando nasceo a Sancta Virgem Rosa Ministro geral de toda a Ordem o Veneravel P.F. Ioaõ Parente, digno por suas virtudes de toda a boa memoria no anno 4. de seu Generalato: & não S. Boaventura, como cuidou o nosso Carrilho

na

Capitulo. II. 9

na historia da Terceira Ordem, seguindo a Chronica geral do P. Fr. Marcos; porque este Sancto não foi eleito Gêral, senão dahi a 20. annos no de 1254. Era outro si em S. Damiaõ Abbadessa geral de sua Ordem a gloriosa Virgem, & Madre S. Clara: oito annos depois do transito de N. P. Seraphico, & 19. annos depois da instituiçãõ da Terceira Ordem da Penitencia pello mesmo S. Padre; & desde o mesmo tempo approvada pello Papa Gregorio IX. & seus successores. Este foi o tempo do nascimento da nossa gloriosa Sancta na idade de ouro dos seculos de nossa Religiaõ: na manhã de rosas de seu largo, & dilatado dia; na primavera dos tempos della, que entre as copiosas flores, que todos seus tres jardins produziram; brotou, esta pura, & bella Rosa.

Carrilh. 2.
p. vida de
S. Rosa
Caronol.
Seraf.

Chron. 2.
p. lib. 2.

Ab. 10.
Vob. 1.
din



CAPITULO

CAPITULO III.

*Conveniencia, & significação do
nome de Rosa*

A Chou a inclita eloquencia do grande Padre S. Ambrosio, que era bom argumento; & accommodado thema para os louvores da Gloriosa Virgem Santa Ines, começar pello proprio nome, que em latim he *Agnes*, que he o mesmo que Cordeira: & delle fez tanto mysterio, que descobrio no nome, como em cifra, todo o presagio, & o oraculo do discurso breve de sua vida, & dilatada victoria de sua morte. Pois porque não imitaremos nós, & seguiremos a luz deste lume clarissimo da Egreja, havendo de tratar da prodigiosa, se curta, vida da gloriosa Virgem Santa Rosa? seu nome em latim nasce de *Ros*, que quer dizer orvalho fresco da madrugada; & reduzido ao genero feminino, vem a ser Rosa; porque já desde o
tempo

Ambr. lib.
1. de Virgi-
nib.

Capitulo III. II

tempo do primeiro pae, sabemos das letras Gen. 1.
divinas que os nomes se puzeram às cousas
segundo a propriedade, que em cada huma
dellas se conhecia. E em nenhum outro no-
me veyo mais ao justo a alguem, que á nossa
Sancta o de Rosa. Desta dixee certo Author Pachão
Fabula dos
Planetas.
curioso, que era Pompa dos prados, pur-
pura dos campos, mimo das flores, ornato
dos jardins, resplendor das boninas, & joya
da primavera: que por sua fragrancia, dilica-
deza, propriedade, & virtude mereceo o
principado das flores. Mas tambem acres-
centa que nella, como em espelho, se mostra
ao vivo a fragilidade da fermosura humana,
cuja graça como rosa florece, & caduca mor-
re; com mayor presteza murcha do que bro-
ta, & quando mais pomposa, tenece. E por
essa causa esta, & outras erudiçoens profanas
applicaram ao culto da falsa Venus a rosa;
porque a rosa se he symbolo de fermosura
pella proporção, & suavidade de suas cores:
& da virtude pello medicinal de suas quali-
dades, se Rainha de todas as flores com
real guarda de archeiros, tambem cercada
de espinhos symbolo he da trabalhosa vida
humana

humana cercada (por mais bondade, & dignidade que o fogeito logre) de agudos, & pungentes espinhos; ja de infortunios do tempo, ja das envejas dos homẽs, ja das perseguiçoens dos insolentes. Tudo está significando o nascimento, & progresso de Rosa (como esta flor tambem o symboliza) pelo tempo, & occasiã, em que esta bemaventurada Rosa appareceo no mundo, cercado entã, principalmente em Italia, & mai em particular do Estado do Papa; de duros, & agudos espinhos de tribulaçoens, & calamidades, que causava a insolencia do Emperador Frederico II; que chegou a termos de metter em Italia o exercito de Mouros para mais vexalla, & infamar o nome Christã, & descompor o Catholico culto: por quem com heroica façanha acodio a gloriosa Virgem, & Madre Santa Clara, cegando aos infieis com os resplandores do Sacramentado Esposo, Custodia, & guarda firmissima da casa, & mosteiro de S. Damiaõ, em que tantas Esposas o veneravam, & fielmente serviaõ.

2 No meyo destas tribulaçoens nasceo, & viveo (como entre espinhos) a Seraphica

Rosa;

Rosa; a quem seus Paes parece que myltica-
 mente assi chamaram pello tempo em que
 nacia, & tambem pella virtude que pres-
 giava. E poderiam bem usurpar, o que os
 Paes de Noe dixeram quando lhe puzeram
 o nome (que significa cessaçaõ, descançaõ,
 ou consolaçaõ.) Este nos consolarà dos tra-
 balhos da terra, que o Senhor amaldiçoou,
 convem a saber com os espinhos, & tribu-
 los, ou tribulaçoens, em que naquella idade
 viam o mundo; com taõ grandes inundaçoẽs
 de males, que causaram diluvios: & taes do-
 res, que pareciam chegar atè ao coraçãõ di-
 vino, arrependido (pello modo com que na
 sagrada Escritura se entende) de haver feito
 tal gente. Assi no seu tanto poderiam dizer
 seus Paes de Rosa, que ella havia de ser a
 consolaçaõ, descançaõ, alivio, & final da se-
 renidade entre os diluvios de males, espi-
 nhos, & tribulaçoens de seu tempo. Os ef-
 feitos prováram o acerto do nome, como
 pello discurso da historia se irã vendo; por-
 que antes da morte deixou a Sancta quasi em
 tranquillidade o opprimido estado da Egre-
 ja Romana com a morte do impio Frede-
 rico

Gen. 5.

14 *Rosa Franciscana*

rico prophetizada pella Sancta Virgem.
3 De concordia, & paz era a rosa tambẽ
Hyeroglifico entre os Antigos, & quando
os Embaxadores, ou medianeiros dos Reys,
ou Povos se avistavam para trattarem de cõ-
certos, ou pazes; levavam por insignia nas
mãos rosas. E os antigos Germanos manda-
vam nos rectos das casas em que de ordina-
rio costumavam fazer seus banquetes, & tra-
zer a elles hospedes convidados; pintar hu-
ma rosa, naõ só por ornato com sua fermosu-
ra, mas tambem por aviso do silencio cortez,
& conservaçaõ da amizade, & concordia a-
legre, a falta da qual, com as vozes, & perfi-
as costuma nos taes banquetes embarçar o
gosto dos convidados, & causar discordias.
E assi parece que esta virginal pomba foi se-
melhante á de Noè, que annunciou o fim do
diluvio; porque quasi todo o tempo de sua
vida foi annunciadora pomba na pureza, &
rosa na significaçã, de que em seu tempo
teria algum termo o diluvio de perturbaço-
ens daquellas opprimidas terras.

CAPITULO IV.

Prodigiosa infancia de S. Rosa.

ENtre as brandas mantilhas se criava a bem estreada minina Rosa, dando lugar ás funcçoens da natureza com huma singular mansidam, presagio de sua futura innocencia; quando escassa mente acabado o tempo de sua lactancia, quasi de repente appareceo com juizo mayor que de qualquer outra mayor idade, & começou a resplandecer subitamente, como a luz do primeiro dia sem precedencia de trevas; sol sem crepusculo, antes que Aurora. Porque sem intervençaõ de doutrina humana, madrugou, & sobrepujou tanto a graça as forças da natureza, que prodigiosamente na tenrissima idade, sahio, não discipula, & aprendiz da virtude; senão mestra de toda a perfeiçaõ della. E scassamente havia aprendido a falar, & apenas a pronunciar a linguagem da terra; quando ja era mestra da

Exempl.
114
Ambr.
1.111
N. Addit.
Ambr.
1.111
Ambr.
1.111

16 *Rosa Franciscana*

Legend.
lic. 4.

Ambr. l. 5.

Luc. 6.

Carrilh.
ubi sup.

N. Addit. 2.

da lingua do Ceo: & mal l. bia ainda andar pella terra, quando ja pello caminho do Ceo corria. Prodigiolo caso, & incrivel cousa; mas verdade, que affirma atè sua propria legenda, & reza. Escassamente (diz) avia aprendido a falar, & era ja mestra da perfeiçãõ. Porque o desprezo de todo o genero de vaidade, & desapego de toda a humana affiçãõ (que S. Ambrosio bem ensina, que he como pae, & mae das virtudes) foi na infancia desta Santa tão estremado, que apesar da magua, & compaixãõ materna andou sempre com os pès pello chaõ descalça; sem consentir nelles reparo, nem em seus vestidos brandura; nem admittio para ella mais que grosseiro, rude, & vil pano; atropellando toda a decencia de vestidos, que a sua qualidade se devia: heroica aspereza, guarda fiel da honestidade, que nesta virgẽ foi tanta em toda sua vida, que desde minima fogio sèpre, & se desviou de toda a practica, & conversaçãõ de homẽs de qualquer qualidade que fossem: mystica, & propria qualidade da Rosa symbolo tambem da pureza, & virginal honestidade, que por isso

a na-

a natureza a cercou de espinhos para que nenhuma mão alheya se atrevesse a tocalla, fennaõ a do proprio Esposo, que sem espinhos destramente a colheffe.

2 Os asperos cilicios de cerdas, & outras pungentes materias, eram nesta S. minima os enfeites, galantarias, & dices com que as da sua idade se costumam alegrar. Mas por isso esta era tão propriamente Rosa, porque andava cercada de espinhos, com que atormentava aquella tenra carne, que ainda pella idade se não presumia ter culpa que tão rigorosamente castigasse. Porém para se habituar a trazer sempre fogeita a carne como escrava, ao espirito senhor, & livre; & por mais que no estado da innocencia sua simplicidade se considerasse, se não queria ella mostrar rosa sem espinhos, como naquelle ditoso estado diz S. Basilio, & outros Doutores, que criou Deos a rosa, & depois pella maldição do peccado de Adam ficou a rosa logo cercada de espinhos. Parecerse quiz pello modo que podia, com o Divino Esposo, que sem ter peccado, nem o poder ter como Divino; quiz tomar sobre sy os espinhos, tribu-

N. Addit. 26

Basil. Hexamer.

18 *Rosa Franciscana*

los, & penalidades humanas por puro amor da humana gente; fazendo tanto preço dellas, que tirou por timbre de suas armas as mesmas penas, que padeceo desde sua mininice, até lhe não ficar lugar livre dellas desde a planta do pé até o alto da cabeça, com esses mesmos espinhos coroadas, com a letra q̄ podia ser: *In laboribus a juventute mea*. E esposo em fim que se prezava de lirio, ou rosa dos vales; que hũa vez que rosa lê o Hebreo, rosa avemos de entender com espinhos dos peccados alheyos.

Pl. 87. n. 16.

Cant. 2.

3 Nada menos quiz parecerse, & imitar a Virgem Mae do Esposo, a quem elle gabou por lirio, ou rosa entre espinhos, como os mesmos Hebreos trasladam. Não porque essa divina rosa tivesse em sua pessoa peccado algum actual, nem original, preservada delle pelos espinhos dos merecimentos do filho com tão copiosa redempção, q̄ em nenhum instante, por mais metaphysico, que a subtilza o excogite, careceo de abundantissima graça: mas porque em quasi toda sua vida padeceo agudos espinhos, & tribulaçoens; atravessada sempre daquella espada, que o S.

Simia-

Capitulo IV. 19

Simião a poucos dias de Mae, lhe vaticinou no templo. E sobre estes outros muitos espinhos de mortificaçoens, & penalidades de sua deificada carne, pellos peccados do mundo, como fiel ajudadora do Filho na redempção d'elle: cõ tãto amor, q̃ podia tirar por empreza os mesmos espinhos de rosa cõ a letra: *Ros interspinas*; comogalharda guarniçaõ, gloria, & fermosura imaculada de seu Rosario.

Bernardus
Sen. de lau
dib. Virgini

Ibidem

4 Os brincos, & jogos naturaes daquelle idade, eram para Rosa rosetas de disciplinas, & outras varias sortes de instrumentos; não de brinco, mas maneadas com tal destreza, que rasgando suas tenras carnes, derramava o sangue, que as veas nam tinham ainda cabalmente recebido: purpurizando com elle o candido de seu tenro corpo com mais verdade; que a rosa, que os Antigos fabularam, que fora creada branca, & depois a tornou purpurea o sangue da mentida Venus. Nam jugava a brincar em suas rigorosas disciplinas Rosa, porque sempre ganhava o precioso do merecimento, & pacifica liberdade, & senhorio da futura rebelliam contra o espirito, q̃ podia recear quando de maior idade.

Carril. ubi
sup. e. 3. 3. 3.
8. 1. 1. 1. 1.

20 *Rosa Franciscana*

de. Os jejús, & abstinências eram para a Santa
minina as golodices, & appetites dos doces,
& fructas com q̄ as outras tanto folgaõ; mor-
tificandose nisto, & nas vigalias mais do que
se pode cuidar naturalmente naquella idade.
Mas que nam pode a graça sobre a natureza,
quando o Espirito Divino he servido
de confortalla?

Phil. 4

CAPITULO V.

Chega S. Rosa pella oração ao perfeito da Virtude.

TOda a fabrica das virtudes se ende-
reça ao fastigio, & remate dellas
â S. oração, principalmente men-
tal; porque esta suppoem a limpeza, & pure-
za da consciencia, sem a qual toda essa fabri-
ca das virtudes he fundada em area, & area
cega, em que todas facilmente arruinam, ca-
em, & se lubvertem. E desta pureza da cons-
ciencia procede o cuidado, & desvelo da al-
ma em se cercar, & guardar com toda a cau-
tela,

Ref. 1. p.
cap. 19. n. 8

tela, como vinha do Senhor, de todas as occasioens, & perigos de culpa; com forte muro, & bẽ tecida sebe de silvados, & espinhos; para que não tenha lugar de entrar nella algum bruto pensamentõ, quanto mais bestial obra, singular fera, que Deos dà por castigo à sua vinha quando a desempãra.

2 Disposta assi a consciencia, pòde o espirito mais livre, & desembaraçado chegar, & subir a aquella Evangelicia Torre, ou Castello, que o grande Pae de Familias edificou no meyo de sua fazenda: no alto da qual reside a oraçaõ vocal com muitos altares levantados, por toda a sua espaciosa praça, em que entre bons exercicios, & obras pias, se offercem diversos sacrificios de louvor Divino, cantados, entoados, & rezados, como nos coros religiosos; & outras particulares oraçoẽs, oblaçoens, offercimentos, & devoçoẽs approvadas, por não darẽ em superstiçoens; offercidas em silencio, que alli se guarda: que as rezas que entre outras occupaçoens, & pratticas se fazem, não são offercidas no altar legitimo da oraçam vocal; antes muitas vezes não sam aceitas nos

da Divina Magestade ; & daõ occasião a q̃ a
 oração se converta em defeito, principalmẽ-
 te se forem obrigatorias. Não porque esta, &
 semelhantes boas obras dos Fieis todas sejaõ
 peccado, proposiçam condenada nos Here-
 ges de nossos tempos ; mas porque tornam
 a oração vocal indevota, & indecente.

Trid. sess. 5
 can. 25.

3 No mais alto, & superior, como em
 mais recolhido Castellejo, repoufa a santa
 Oração mental, livre de todo o estrepito, &
 ruído inferior; na qual se acham aquellas mo-
 radas, de que sò pode escrever a elevada pê-
 na do espirito da Madre Santa Thereza, q̃ a
 minha rude somete tratta de descrever a grã-
 de altura, em que se poz a nossa Santa Rosa
 em sua prodigiosa infancia ; porque cõ tan-
 ta abundância de graça a prevenio nella o Pae
 dos espiritos, que dias, & noites gastava
 no estudo da oração, & contemplação; &
 para a fazer mais accõmodada, se retirava
 a cada passo, escondida pellos cantinhos
 dos aposentos; & toda a vez que se achava
 menos Rosa, a hiam achar de geolhos com as
 mãos finhas levantadas; fazêdo altar do Amor
 Divino em toda a parte, & todo o lugar era

Chron.
 Min. 2. p. 1. 8
 cap. 15.

Para

para ella oratorio: porque em todo se levantava seu espirito ao alto do Ceo; que quando o Senhor quer, lança delle a escada até a terra, onde repousa o simplez Jacob; & Gen. 28. ahi se acha aberta a porta do Ceo, por mais que por muito rude a terra pareça lugar menos digno de mental oraçam. Assi fazia esta muito Minina da casa Igreja, quando as muito mulheres fazem da Igreja casa; & assi conversam na Igreja, falam, & tal vez comem, como se alli fora a casa propria, ou das amigas, com quem costumam conversar. Porém nosso Mestre Christo nos desengana que o Templo, & casa de Deos he casa de oraçãõ, & não de contrattaçãõ, que Ioan. 2. Aug. tract. 10. in Ioan. assi a nomea S. Augustinho quando abomina a profanidade com que os christaõs trattam na Igreja seculares negocios.

4 De modo que este portentoso espirito de Rosa veyo a subir, não como andando, mas como voando a aquella altura, em que se ha mister largo tempo, & miudos degraos para chegar-se: como promovida per salto, sem arte, nem humano mestre de espirito, que lhe encaminhasse os passos;

24 Rosa Franciscana

porque o Espírito Divino era o seu mestre, que a podia fazer voar com azas de pomba até o lugar onde o Rey Propheta desejava descansar depois de mui provecto. Foi nesta prodigiosa minina prerogativa, o que (falando ordinariamente) podera ser noutros espiritos desacerto, & perigo; porque não ha risco mais certo para se despenhar hũa alma, que por outra parte quer tratar de espirito, do que he cuidar que pôde tomar o caminho da virrude todo junto, & querer logo impaciente da tardança, chegar de salto, ou de voo à perfeiçam da virtude. Com quatro quartos de oraçãõ mental, parece a hum que pôde ter quarto espacioso no palacio do Rey Divino: & que com quatro dias de abstinencias, disciplinas, & cilicios, está ja senhor dos quatro cantos da caza do Ceo.



CAPITULO VI.

*Singularidade da virtude da ora-
çãõ de S. Rosa.*

NAm se quer a virtude de repete, nẽ toda jũta; mas pouco, & pouco se ha de tomar o caminho della, como mais largamente quem o quizer ver (porque este trattato somente he historico da vida desta Sancta, a que não convem cortar o fio) o póde ler em nossa Refeição Espiritual. Não costuma a Divina potencia fazer sempre força em seu braço para obrar maravilhas extraordinarias, & prodigios raros da salvação, & da perfeição da virtude: nem sempre, mas mui raro faz que hum S. Paulo no triduo de sua conversão chegue até o terceiro Ceo a ver cousas, que não são possíveis falar hum homem: nem acontece se não a hũas aves raras na terra, que hũa minina a pouco tempo de sahida do berço faça a Divina graça anticipar a rezaõ, & polla dentro do

Ref. 1. p. c.
14. n. 9. 10.
& 2. p. cap.
17. n. 26.

26 *Rosa Franciscana*

do limitado termo da infancia, em altura de oração, & contemplação, que possa ser mestra da perfeição da virtude. Não está à minha conta apontar outras prodigiosas meninas, das quaes outras mais bem apparadas penas teram cuidado de encarecer os prodigios: a minha semente tratta de referir a verdade do que authenticamente consta de nossa S. Virgem Rosa.

Offic. S. R.
lect. 4.

2. Obra Deos semelhantes portentos em sua Igreja para ostentação do poder de sua divina graça, para admiração, antes que imitação dos espiritos virtuosos, & alento delles. For hũa parte, para que não desconfiem de suas poucas forças humanas, & pouca idade, porque para Deos diz S. Ambrosio que não hã idade algũa fraca. Etambem para com esta menina dar de rosto, & fazer envergonhar, & correr os mais provecos na idade, & de mais forças, que muito pusillanimes, & pouco generosos não se resolvem a cometter se quer o caminho, & entrar na via purgativa, contentando se com a guarda dos mandamentos, ou regra de seu estado, na qual se podem salvar, & se lhas promette

Amb. l. 7.
in Luc. 15.

com

com a guarda a vida eterna. Porque muito escassa, & pouco fidalga he a virtude, que não passa a obras de supererogação além da obrigação. Porque posto que nesta se pôde bem salvar, com aquella se deve segurar; porque se por ventura (ou pouca ventura) descair com a força das aguas, em que neste mundo se lida; ou lhe trincar a amarra da confiança, que teria em sua virtude; tenha de que se valer, & bom porto em que parar, que he ficar naquillo a que era obrigado: & não tratando mais que da obrigação, arrisque a quebrantalla, & perder a graça, sendo a materia mortal.

Ref. x.p.c.
8.l. 4.

3 Ditoso mil vezes o espirito de nossa Virgem Rosa, que tão prodigiosamente foi prevenido da divina graça cõ juizo, & discricão para na infantil idade poder chegar tão abstrahida a tão grãde altura de oração, & contemplação; que se nisto não foi todo singular (que hũa só Phenix se conhece no Ceo, & na terra, a Virgem Mae, sem semelhante, nem segunda, com todas as prerogativas de todos desde o instante primeiro de sua Conceição immaculada) pello menos não se pode

28 *Rosa Franciscana*

põde negar, que entre as aves raras foi ella hũa rara ave na terra, que o Ceo nella deu para ostentação das misericordias divinas. E no tocante às outras virtudes, que ornaram hum espirito perfeito; irá a historia mostrando pello discurso desta prodigiosa vida, em quanto grao foi ornada esta singular Rosa, que agora em pequeno botaõ pella idade, tinha ja tão perfeita a virtude.

CAPITULO VII.

*Sabese do Voto de Virgindade, q̃
fez S. Rosa.*

Tudo isto que fica ditto, & outras muito mayores cousas que estaõ ainda por dizer, viam de perto, notavam mui de dentro, & admiravaõ o pae, & mae de Rosa: ambos viam, notavam, & admiravam; porèm não cõ os mesmos olhos viam o que admiravam. Porque o pae olhava com os olhos de prudencia humana, & considerando o natural da filha, o desprezo, &

& pouco caso, & mau polimento de seu modo de vestir, & o rigor, & humilde tratto com que vivia, ao seu parecer sem nenhum geito da vaidade humana; julgava a filha por inutil, & a tinha por de fraco juizo, & por tontinha; & atè do espirito com que obrava cousas sobre naturaes, suspeitava algum engano, ou illusão em seu fraco entendimento: assi se enganão os mundanos ignorantes do tratto espiritual, & singelo procedimento dos Sanctos.

2 Mas a mae da bemditta minina olhava este negocio com olhos de piedade, & virtuoso affecto. Notava miudamente as acçoēs da filha, as disciplinas, cilicios, & jejús vigalias, & instante oraçaõ de hũa criaturinha; a profunda humildade, & prompta obediencia em tudo o que lhe mandavam; & assentava consigo que isto não podia proceder se não de algum espirito da graça divina, que se queria servir de taõ fraco instrumento para algũa grande maravilha. Como boa pastora daquella ovelha, & sollicita mae daquella filha lhe andava contando as passadas, & o mais secreto que podia a espreitava
quan-

30 *Rosa Franciscana*

quando de sua presença faltava; & sempre a achava em algũ cantinho escuso na postura, que affima dixemos, com os geolhos nus na terra, & levantadas as mãos ao Ceo. Vendo isto por repetidas vezes determinou de hũa acabar de saber que era o que aquella minina em tal postura, & abstrahimento de todo o outro cuidado entre suspiros, & lagrimas fazia.

3 Fechouse com a bemditta minina em hum aposento secreto, & com muitas caricias, allegandolhe como proemio, não só o muito que a amava, & queria como a minina dos seus olhos; mas tambem o grande favor, que sempre lhe dava para seu modo de viver, & instrumentos com que a favorecia para seus exercicios: lhe rogou encarecidamente que lhe não negasse hũa cousa q̄ lhe queria pedir, & era que lhe descobrisse, & dicesse na verdade, que oraçoens fazia quando a achava naquella devota postura, com suspiros, que entre lagrimas dava, que nam poderiam deixar de penetrar o Ceo, & alcançar delle o que lhe pedisse. A graciosa minina lhe respondeo com muita humilidade

de, que assi o fazia de boa vontade como lhe ella mandava. Que quando assi estava em oração, rogava ao Senhor pello estado da Santa Madre Igreja, & pella obediencia do Papa, & que Deos o livrasse dos Hereges, & das mãos do Emperador, & insolencias de seus sequazes, & outras semelhantes cousas pertencentes às perturbaçoens, que naquelle tempo se padeciam (supponhamos nós, que tambem rogava a Deos Rosa pella vida, & faude de seus paes.) E que o que principalmente pedia per intercessão da Virgem Maria Senhora Nossa; (de quem era por todo o extremo devota) vinha a ser q̄ o Senhor a cōservasse limpa, pura, & inteira no corpo, & na alma; & lhe guardasse todo o tempo de sua vida sua virgindade, & virginal pureza, que lhe tinha offerecido.

4. E logo com muita humildade dixe a sua mae, que ja que ella fizera o que lhe mandara, lhe pedia que com suas oraçoens, & boas obras a ajudasse tambem por sua parte a alcançar do Senhor esta graça de a conservar no estado virginal, & aceitasse a offerta, & voto, que de sua virgindade lhe fizera: & a ajudasse,

32 *Rosa Franciscana*

ajudasse, como até alli havia feito, como boa
 mae no que importava para exercicio da
 virtude, & conservação daquelle estado, &
 modo de viver, q̄ o Senhor lhe inspirara.
 Alegriſſima ficou a virtuosa mae de haver
 sabido mais do que podia imaginar que vies-
 se a saber; & lançando mil bençoens à sancta
 filha lhe prometteo fazer tudo o que ella lhe
 pedia; animandoa a perseverar na virtude,
 & fazer muito por agradar aos olhos do Di-
 vino Espoſo, q̄ escolhera, & lhe saberia acci-
 tar as primicias de sua tenra idade, que elle
 nas esposas estimava mais, como primeiras
 fructas do tempo. Ditosa mae, que tal filha
 deu ao mundo, venturosa plantaçãõ de ro-
 seira, que Rosa tão perfeita, suave, & cheiro-
 sa para Deos, & para os homẽs chegou a pro-
 duzir. Mas ditola filha, que mereceo ter hũa
 mae, que a encaminhasse na virtude, & a fa-
 vorecesse, & animasse para os progressos
 della, & fosse medianeira de seus amores pa-
 ra com o Divino Espoſo Jesus. Tristes das fi-
 lhas, & desventuradas as maes, que descuidã-
 dose das que deviam guardar, & severamen-
 te reprehender, as desculpam de suas moci-
 dades,

dades, permittindolhes entretenimentos, & liberdades como a vivas (como ellas dizem que saõ as filhas moças) donde procedem ordinariamente desgostos para o pae, afrota para a caza, & deshonor para as mesmas, que não querem por suas liberdades honrado estado,

CAPITULO VIII.

Efeito da Virginal pureza de S. Rosa.

QUaõ aceito, & grato ao divino gosto fosse o sacrificio desta innocente, & simplez cordeirinha, seguidora perpetua daquelle cordeiro, que sobre o alto, & candido monte da virginal pureza leva apos sy angelicos exercitos de Virgens; manifestou elle em varias occasioes de todo o prodigioso discurso desta Virgem. Poiém em nenhum melhor, & mais conducente ao esplendor do estado virginal, que o que della referẽ graves Authores, que sendo muito

C bem

Vanding
ann. 15.2.
Tom.2.



bem parecida, & sempre muito moça, pois não chegou a dezoito annos de idade; nenhũa pessoa por pouco honesta que fosse, poz nella os olhos, que não ficasse interiormente incitado ao espirito de castidade, & affeição pia do estado virginal. Não negamos que pudesse proceder esta graça de algũa occulta natural virtude, que conduza a honestidade, como contra veneno do pensamento lascivo. E das Rosas escreve Columella que tem esta prerogativa; & que muito que por mais superior influxo esta Rosa lograsse esta virtude? Em S. Isidoro lemos, que a pedra sardonica tem esta natural virtude de tornar castos de pensamētos a quem configo a traz. E S. Hieronymo o convenço aos que duvidavam, ou taxavam a facilidade, com que algũs seguiam a Christo, cõ a natural virtude de attrahir, que em algũas pedras se acha: quanto mais reluzindo na fermosa face daquelle homem Deos, a divina virtude da magestade do Creador.

2 E assi por seu modo havemos de dizer que esta graça, que á Santa Virgem Rosa foi concedida, foi mais que natural, resplandecendo

Colum.
lib. 10.

Isid. in
Ethymo.
log.

Hier. lib. 1
in Math. 9.

scribitur
in
s. mo T

cendo em seu fermoso rosto hũa modestia grave, hum aspecto honesto, & hum gesto composto, com que andando entre tão diversas sortes de gente, hereges, bandoleiros, inimigos do Pontifice Romano, prégando algũs annos, como em seu lugar se dirã; ninguém se lhe atreveo a palavra descomposta. Algũa particula de pequeno rayo, ou pequeno reflexo, poderia ser daquelle sol, de que vestia a Virgem das Virgẽs a immaculada Maria, de quem escrevem as historias Ecclesiasticas, que sendo de rosto fermosissima, lograva esta divina prerogativa de sua Virginal pureza se transfundir nos corações de quãtos a viam, & extinguir no mais lascivo, o affecto de deshonestidades, & causar hum magestoso respeito em quem a trãttava. E bem se vio nos grandes concuſos em que se achou, principalmente na occasiã da Paixãõ de seu sacratissimo Filho: a Trente amuitagente, que ao pé da escada de Pilato estava esperando pella sentença daquelle innocẽte reo; & depois entre os apertos de hum cravel povo, soldados, & ministros de justiça, que leyavam o Senhor a padecer com sua

N. addit. 2ª

B. ff. in] Rotar,

36 *Rosa Franciscana.*

Cruz ás costas: que nunca se lhe perdeu o respeito, & sempre lhe deu lugar até a impia canalha, para chegar, & ver de perto ao filho; & depois no calvario entre os mesmos sacrilegos, que o estavam crucificando; & finalmente posta ao pé da Cruz entre os soldados da companhia, que guardavam ao crucificado Senhor, & Phariseos, que por alli andavam: nenhũa destas vís, & mortalmente inimigas pessoas chegou a descompolla, nem dizer má palavra; não só a ella, mas nem ás santas mulheres, que a acompanhavam; nem ainda ao S. Evangelista, que era mancebo, & conhecido por discipulo mais mimoso daquelle a quem seu odio tinha posto naquelle estado. Porque aquella prerogativa de seu respeito como tão copiosa se estendia, & communicava a todos os daquelle Sacro santa companhia.

3 Outro singular effeito da Virginal pureza, & santa innocencia desta bemaventurada, & bella Rosa se póde contar entre os que della procederam: & era que ao modo em que se póde dizer do estado da innocencia, trazia tão sogeytas, & a seu serviço, & gosto

as creaturas irracionais, que muitas vezes acõ-
 tecia que estando em algum lugar onde ha
 via passarinhos, lhe vinham com suas suaves
 musicas a dar salva, como ao sol quando nas-
 ce: & andando ao redor della, os trattava, N. addit. 5
 & dava de comer da sua mão: & se se assenta-
 va, vinham comer alegremente em seu re-
 gaço, onde ella lhes botava a comida. Esta
 obediencia, & sujeição das aves, & outros
 animaes, & creaturas à vontade de N. P. S.
 Francisco, attribue S. Boaventura à perfei-
 ta sujeição, & obediencia ao Creador. Por- Bonav.
 vita S. Frisq
 cisc.
 que he como lã parte da herança do Esta-
 do da innocencia, no qual o homem perfei-
 tamente seria sujeito a Deos, & pello mes-
 mo caso todas as creaturas seriam perfeita-
 mente sujeitas ao homem. Mas como esta
 herança se perdeu pello crime de nosso pri-
 meiro pae, & ficou confiscada para o poder
 divino; faz o soberano Rey, quando he servi-
 do, merce desta prerogativa, que fora corren-
 te naquelle ditoso estado; & agora puro fa-
 vor, & dom meramente gratuito a algũ se-
 us mimosos espiritos. Porém te prerogativa
 he, que pertença ao estado da innocencia;

38 *Rosa Franciscana.*

635b.7
muito mais propriamente se pôde attribuir
ao virginal estado, que por aquellas breves
horas se logrou no paraíso; & se tóra delle foi
dos dous o estado conjugal no carnal matri-
monio; dentro do paraíso foi propria repre-
sentação do Virginal estado; & conforme a
ella fica mais propriamente effeito da vir-
ginal pureza desta Rosa no paraíso da Egre-
ja a fogueira, com que estas avezinhas se
deixavam della tratar, & a festejavam, co-
mo celebrandoa por hũa perfeita creatura
na obediencia ao Creador.

CAPITULO IX.

*Virtude da Charidade da Santa,
& milagre das rosas.*

A Diggressão do capitulo passa-
do pareceo accommodada pa-
ra ficar escrito de hũa vez, o que
pelo discurso da historia não ficaria tão facil-
mente arrumado; por quanto as duas prerog-
ativas desta gloriosa Virgem nã o foram so-
mente

Capitulo IX. 39

mente de quando ella minina, mas de todo o tempo de sua santa vida. E tornando a o fio da historia, se vai rematando sua prodigiosa infancia com a coroa de todas as virtudes a charidade. Porque assi como sem essa mesma charidade, em quanto significa a graça, diz S. Paulo que não aproveitam, nem tem valor algum de justiça, posto que por outra parte todas as boas obras aproveitam muito: assi sem a charidade em quanto virtude por ordem ao proximo, todas as outras obras das outras virtudes saem vãs, como as das Virgões necias, a quem faltou o oleo da misericordia. Mas como esta esposa de Christo cõ tanta diligencia sahio a buscar o Esposo com a discricão, que lhe antecipou a graça; trouxe quasi do ventre de sua mae cõsigo a charidade, com que sempre foi crescendo semelhãte ao que o S. Iob de sy mesmo publicava; com sua lampada bem provida do azeite da misericordia. O gosto mayor da bem ditta minina era ter, & buscar que dar aos pobres; & andava feita hũa diligente mamposteira delles, recolhendo, & cobrando quanto da mesa sobejava, assi dos paes, como da outra

1. Cor. 13.

Job. 31.

N. addit. 4.

40 *Rosa Franciscana*

gente de casa; porém o melhor quinhaõ dos pobres era a sua mesma porçaõ, que lhe cabia; porque como continuamente jejuava, o quinhaõ dos pobres era sua propria abstinencia, como do perfeito jejum ensina o Papa S. Leaõ. *Sit refectio pauperis, abstinencia jejunantis.*

2 Como os paes de Rosa eram tão virtuosos, a mesma sua charidade, & a graça com que a minina sancta dava a esmola, trazia muitos pobres à sua porta. O tempo era trabalhoso, porque as hostilidades dos imperiaes não davam lugar a semear, & recolher, & muito menos a cõduziremse de fõra os mantimentos. Toda via aconteceo que hum anno daquelles foi tamanha a esterilidade, que nem de fõra, nem da terra havia mais que apertos, & fome em aquelle inverno; pella qual rezaõ oprudente pae de familias conhecendo bem a prodiga condiçaõ da filha com os pobres, a advertio, & lhe mandou que visto o aperto que hia, não andasse buscãdo, pedindo, nem levando aos pobres de fõra o pam que sobejava, sendo tão necessario ás bocas de casa. Apestouse o coração à Sancta minina com o aperto em que a punha o pae, &

& como era perfeitissima obediente, viose posta entre duas apertadas talas; de huua parte a obediencia do pae, & da outra a compaixam dos necessitados; & ella sem fomento se poder valer mais que de sua pouco abundante comida, appellava para o tribunal da abstinencia propria, & de algũas devoçoẽs alheyas, com que juntava algũs pedaços de pam para acodir secretamente a algũas pefloas que por mais necessitadas conhecia.

3 Porẽm por mais recato com que andava nestes amores da sancta esmola, naõ pode ser com tanto segredo que o pae hum dia, ou de preposito, ou acaso a naõ topasse com a aba cheya dos pedaços de pão; & lhe perguntou que era o que alli levava. Turbou-se a minina apanhada pello pae na empreza, córou, & respõdeo que levava alli hũas poucas de rosas: descobriolhe o pae a saya, & achou que hia a aba cheya de fermosissimas, & frescas rosas, & de taõ suave cheiro, que fez ficar pasmado ao pae da mais bella Rosa, & muito mais por ser no coração do inverno, que naquellas partes que naõ sã taõ mimosas como estas nossas, he impossivel le

naõ

não por evidente milagre acharemse semelhantes rosas. Deste modo acodio o divino Esposo à sua sobresaltada esposa, & atalhou o agastamento que podia temer no pae; tendo por mais facil fazer hũa tão maravilhosa conversão de pão em rosas, que consentir que a sua querida Rosa padecesse hũa pequena indignação paterna; antes ordenando que fizesse o pae outra differente conversão de ira humana em louvor divino, engradecendo a sua mulher, (com quem communicaria o prodigioso successo) as maravilhas de Deos, que taes obras obrava por meyo de hũa tão fraca creatura.

4 Fatal mysterio he este de rosas na Ordem Franciscana, mas que muito se foi ella fundada em misterios de rosas entre espinhos, ou espinhos convertidos em rosas. Nos primeiros principios della andando seu seraphico Fundador entre mãos com o negocio da grande indulgencia da Porciuncula; lançando o fervor do espirito sobre hum silvado de secos, & agudos espinhos no mesmo Convento da Porciuncula, por mattar no meyo do inverno o ardor de hũa tentação, sangrando

do cada espinho diversas partes do corpo despido; ou os espinhos se converteram em rosas, ou o sangue se converteo em rosas produzidas dos espinhos. Donde se deu materia a aquelle ingenho so dysticho, que se acha ornando o quadro desta pintura neste passo, no coro do Convento de S. Francisco da Cidade do Porto, que neste mesmo anno em que isto se escreve se acabou de obrar com todo o asseo, & primor.

*Spina Caput Christi, Francisci vulnerat artus;
Purpurat illa genas, germinat illa rosas.*

As quaes rosas fairo logo algũs Anjos a colher, porque estava tornando aquelle lugar paraíso, & outras ficaram nelle, das quaes o Senhor avizou ao Seraphico Padre, que colhesse tres rosas brancas, & outras tres vermelhas, & com ellas nas mãos se presentasse ao Sũmo Pontifice, para que por este final entẽdesse a vontade divina acerca do dia, em que se havia de assentar aquella grande indulgencia; porq̃ ainda q̃ ja estava outorgada, naõ se lhe tinha posto o dia. Ficou pasmado o Papa, & exclamou: Rosas em Janeiro, rosas em Janeiro; que ha mais q̃ esperar?

5 Em virtude do sangue Seraphico convertido em rosas, parece que foi sua triplicada Ordem produzindo por todos os quatro seculos, que se contaõ desde este primeiro mysterio de rosas, até o presente, miraculosas, & frescas rosas. Porque neste mesmo seculo de 1200. quasi no mesmo tempo do transito do Patriarcha Santo aconteceu hũa conversão em rosas, feita pella singular charidade de S. Izabel Princeza de Vngria; que por accommodar, & sustentar pobres se pôde dizer que foi o lob das molheres. No mesmo seculo dahia poucos annos succedeo o referido milagre de nossa Santa Rosa, pella charidade que com algũs pobres mais necessitados usava no tempo daquella fome. No seguinte seculo de 300. se cõverteo em rosas nas abas de S. Izabel Rainha de Portugal, sobrinha, & retratto da de Vngria; se não que foi repetidas vezes, hũa em Alanquer na fabrica do seu hospital do Espirito Santo, de rosas em dinheiro: outra na edificação do seu real Mosteiro de S. Clara de Coimbra de dinheiro em rosas. No terceiro seculo de 400. se converteram em flores, & rosas as

cha-

Hist. Sciz.
ph. 2. p. lib
9. cap. 15. n
5. & cap. 1.
p. 1.

chagas, & dores do Sancto Fr. Diogo; que em seu ultimo extasi tornando em sy do paraíso, trouxe aquella celestial nova: O que flores ha no paraíso! com que levou tambem a bemditta alma a lograr aquellas bellezas, deixando no Sancto Corpo a fragrancia, & suavissimo cheiro daquellas celestiaes flores, & rosas, que pregustado havia: pella qual razão se costuma tambem pintar com rosas como as outras Sanctas assim referidas, nas abas. No quarto seculo, & fim dos annos de 500. he ainda hoje fresco o cheiro, & fermosura das rosas em que a humildade do Santo Negro (que assi se chama vulgarmente) Benedicto converteo a vasura, ou lixo que andava varrendo no dormitorio, a qual escõdeo na aba do habito, quando sendo Guardiaõ em Palermo, se achou ja perto de sy com o Virrei de Sicilia, que vinha a vizitalo, & consolarse com elle. Pella qual mesma razão se pinta semelhantemente com rosas nas abas; se não que por não lhes faltar à propriedade de rosa cerco de espinhos; em seu cerração se achou depois de morto hũa coroa delles, que tambem a fazia ao divina-
men-

46 *Rosa Franciscana*
mente esclarecido nome de Iesus.

CAPITULO X.

Outros milagres da prodigiosa infancia de S. Rosa.

Costuma a divina bõdade empregar sua potencia em acreditar as heroicas virtudes dos espiritos, que fielmente o servem, com obrar por elles maravilhas mayores que as forças da natureza. E quanto menos do fogeito se pôde esperar, & crer; tanto mais diz S. Ioaõ Chrysoftomo que fica esclarecida a divina potencia, & mostra evidentemente que as obras são puramente suas sem mistura das naturaes forças. De hum fogeito grande, & provecto na virtude, com experiencias de heroicas obras; facilmete se pôde crer, antes facilmete se espera, que Deos obre por elle miraculosos effeitos; mas de hũa minina, que até para as funcçoẽs da propria natureza parece ainda

Chry^{ost.}
hom. 34.

In Matth.
20.

da principiante, nem se podem esperar, nem
 cret heroicas obras; mas quando Deos as o-
 brava por hũa S. Rosa, resplandecia a potẽ-
 cia de seu divino braço mais pura, forte, &
 evidente. Enfiamos as virtudes desta Rosa
 com os extremos da charidade, primeiro cõ
 os pobres de Christo, depois agora com a
 compaixão dos proximos. Aconteceo pois
 que algũas moçasinhas hiaõ com suas quar-
 tinhas, ou cantatinhos a buscar agua à fonte,
 ou chafaris, que como ha tanta abundancia
 della cõ as sette fontes, que asima referimos
 na Cidade de Viterbo; de todas as ruas está
 perto a agua, & a podẽ hir buscar quaesquet
 pessoas. E assi como hiam juntas, & pôde ser
 que brincando, cahio por descuido a quarta
 a hũa dellas, & se quebrou em muitos, & mi-
 ndos pedaços. Vendose a pobre rapariga
 com a quarta quebrada, começou a dar gri-
 tos, & prantear sobre a sua quarta, temendo,
 & dizendo que sua mae a havia de açoitãr,
 & dar muita pancada. Ajuntouse muita gẽ-
 te às vozes da prantiadeira sobre sua quarta.

2. Achouse alli tambem Rosa, & movi-
 da da compaixão da sua vizinha, & coetanea,

lhe vieram logo as lagrimas aos olhos, & cõ
 a natural brandura pretẽdia consolar a quei-
 xosa, mas ella cada vez mais gritava, choran-
 do com medo que tinha de sua mae, que de-
 via ser aspera de condiçãõ. Não soffrendo
 mais o coraçãõ da branda Rosa ver aquella
 afflicçãõ, fez com muitas lagrimas devota ora-
 çãõ ao Senhor; & logo dixeu à rapariga que
 iuntasse todos aquelles pedacinhos, & ella
 ajudou tambem a ajuntar, & tomados to-
 dos quantos eram em suas mãos (prodigioso
 caso) sahio dellas a quarta inteira, sem lesãõ
 algũa, ou sinal de quebradura, ou de por on-
 de se tornassem alli a unir todos aquelles pe-
 dacinhos em que fora desfeita, cõ admiraçãõ
 de quantos o viram que foram muitos. Deste
 modo brincava a Virgem Rosa com milagres,
 & engenhava milagres de testinhos, parece
 que com a facilidade com que pella idade
 inda pudera brincar com elles. Não digo q̃
 esta prodigiosa maravilha foi singular S. Ro-
 sa, porque bem sei que antes della se conta
 que fez outra semelhante o glorioso Patriar-
 cha S. Bento, que sendo minino tornou a fa-
 zer inteiro hum vaso de barro, cõ que a ama
 que

V Van-
 ding. an.
 1252. to. 2

Capitulo X. 49

que o criou costumava tirar agua: mas que maior singularidade que parecerse S. Rosa nas maravilhas semelhante a taõ grande Patriarcha? Se esta foi obra de compaixão de acodir a hũa proxima afflicta, & sua vizinha; não menos obra de misericordia em mendar a huma proxima, que fazia má vizinhança; porque tambem he obra de charidade castigar os que errão, & fazer restituir o alheyo. Foi o ponto q̄ em casa da mae de Santa Rosa se achou menos huma galinha; & tendo por certo que desaparecera da rua, mandou a mae a minina que fosse ver se a achava, ou perguntasse por ella. Baixou a minina Sancta, & perguntou na rua a huma molher, se vira ella aquella sua galinha: a molher lhe respondeo, que não; & Rosa lhe replicou que dèsse a galinha, porque ella era a que a furtàra. Começou a molher a agastarse, mas a minina mui fofegada a avizou, que lhe entregasse a galinha: & negandoa fortemente, de improviso à vista de toda a rua, lhe foram saindo pella face direita, & crescendo logo muitas pennas de galinha da mesma forma, & cores da que negava. Quando a triste molher se vio

V Van.
ding. Sup.

N. addit. 4

4. dil. da A
cul. 2. m

4. silba. 74

D

affi

50 *Rosa Franciscana.*

assi convencida, confessou sua culpa, & entregou a galinha á Santa minina; & feita esta restituicão, dahi a pouco se lhe cairam as penas da face, ficando com a vergonha no rosto, & com a magoa no coração,

3 As referidas maravilhas bem parecerão mininices, mas de hũa prodigiosa infancia; porém porque não perdessem o credito pella fraqueza da materia, quiz aquelle que he maravilhoso, & glorioso em seus Sãctos, esforçar mais os testemunhos, & creditos desta sua Sancta Esposa em obras mayores, & ao parecer mais seriosas, & graves pella materia dellas, bastantes a authorizar qualquer abalizado sogeito. Soberania de todo o sobre natural diz S. Ambrosio, que he a resurreicam dos mortos: *Divinae solius est potestatis:* & indicio do mayor valimento, em quem a magestade divina communica este supremo poder; & não quiz o soberano Senhor faltar com este irrefragavel testemunho á virtude de sua nova esposa. Enfermou de extrema doença hũa tia de Rosa irmã de seu pae, & com effeito morreo da tal enfermidade. Bem de crer he que para o perigo della fosse advertida

Amb. lib. 4
in. 4. luc.

N. addit. 4.

vertida

Capitulo X. 51

vertida a minina Sancta, sobrinha sua, & que
 ella com cuidado rogasse ao Senhor pella
 faude da tia; poiém doutrina he de S. Au- ^{Aug. tract.}
 gustinho, que nem sempre Deos quer ouvir ^{101. ill.}
 aos Santos do Ceo, & aos justos da terra, no
 que para outrem lhe pedem; ou para tem-
 po mais opportuno differe o despacho de sua
 petição. Assim devia ser nesta, que Rosa lhe fa-
 ria, & que para mayor gloria sua differeria a ^{Jdē. tract.}
 faude da enferma, para resucitalla defunta, ^{49 in Ioan}
 como já o mesmo S. Doutor o advertio no ^{N. addit. 6.}
 proprio Christo na dilacão de acodir à extre-
 ma enfermidade de seu amigo Lazaro. O ca-
 so he, que foi o Senhor servido de fazer este
 milagre com a tia de Rosa, & que ella resu-
 citou depois de morta; com tanto mayor es-
 panto de todos, quanto menor era em idade
 o instrumento pueril, de que nesta resurrei-
 ção usara a divina potencia.

Até aqui he o que pode constar das
 maravilhas da prodigiosa infancia de S. Rosa ^{Sup. cap. 1.}
 na fôrma em que assim declarado fica; sem ^{2. 3.}
 embargo de que outras duas se referem, que
 não consta se foram na idade da infancia da
 Sancta, ou de quando em mayor idade, pos-

AO

D 2

52 *Rosa Franciscana*

V Van-
ding. sup.

San. g. u.
si. u. o.
si. o.

San. g. u.
si. u. o.

San. g. u.
si. u. o.

N. Addit. 9.

to que por algũas conjecturas se podem cõ-
tar entre as de sua prodigiosa infancia. He
hũa, que outra tia irmãa de sua mae chegou
tambem, (ao que parecia,) ao ultimo ponto
da vida, desconfiada de todo, não somente
pello estado, mas pello pouco que se podia
esperar da melhora por sua muita idade. Foi
rogada semelhantemente a Sancta sobrinha,
& feita instante oraçãõ pella tia, lhe foi re-
velado nella, que não só escaparia daquella
vez da morte, mas que viveria depois ainda
largos annos. Assi succedeo, & o viram depo-
is os que tambem largos annos viveram; &
louvaram, & engrandeceraõ ao Senhor quã-
do viram cumprido o que a Sancta deixava
ditto acerca da enfermidade da velha tia.
A outra maravilha foi, que estando a boamãe
de S. Rosa mui apertada de dores de parto,
& com temor do perigo delle, a Sancta fi-
lha ao passo do aperto da mae, apertava com
o Senhor que a livrasse daquelle perigoso tã-
ze. Estando a Sancta orando veyo hum An-
jo, como a pedir-lhe alviçaras de que sua ora-
çãõ fora aceita no divino acatamento, no al-
tar de ouro, em que se costumam presentar
as oraçoens dos justos. CA.

CAPITULO XI.

*Chega Santa Rosa aos sette annos,
& exercita a vida solitaria*

Passando já a bemditta Virgem Rosa dos annos pueris, ao de sette de sua idade, como he natural do amor o aspirar sempre a mayores effeitos; q he da natureza do fogo o amor, que sempre vai subindo a buscar seu centro, & fazer se vizinho das celestes esferas: pareceo a Rosa que de nenhũa outra melhor traça se podia valer para se fazer vizinha, & familiar do Ceo, & unirse na terra com o celestial Esposo, que tratar de se exercitar toda na vida solitaria, em q sô por sô, tem embarço de tratto algũ humano pudesse empregarse toda no divino. Como tinha da parte de sua virtude a sua virtuosa mae, lhe communicou seu intento, lhe pedio humilmente, que lhe quizesse conceder hũa pequena camara, ou casinha escura

54 Rosa Franciscana

N. A. l. lit. 6.

entre os aposentos das suas casas, em que só ella a visse as vezes que fossem necessarias para sustentação de sua vida. Concedeolho a boa mae, & lhe applicon hum pequeno aposento de pouca luz, & com as mais circunstantias que ella mostrava desejar. Quando chegava Rosa à idade em que o Direito suppoem que hum sujeito terá discricam para entender o que convem á obrigação de Christão, & poder merecer, ou desmerecer em suas acçoës, que he aos sette annos: Levava a graça em Rosa tantas jornadas de dianteira á natureza, que affectava ella irse a pos o cheiro dos aromas do Esposo. Sam os passos desse Esposo, passos de Gigante; & assi demandavam agigantados os passos de quem pretendia seguillo: em effeito foi Rosa em seu seguimento, & em tão poucos annos como sette, o alcançou no contemplativo da vida solitaria, que he o campo, onde se acha o melhor thezouro escondido: assi o S. Iacob achou os braços de Deos, com quem andou lutando abraços no deserto, que não achára em casa de seu sogro Labaõ.

Fl. 18.

Gen. 32.

Tomou posse a nova anachoreta de sua

sua cova, sepultura que queria fazer de ty viva para viver como morta para tudo o que era mundo, & para como viva para Christo viver em voluntario carcer, mas carcer de amor; de amor por que era voluntario, e gostoso porque era de amor. Recolheo consigo as armas de sua milicia, disciplinas, & cilicios; que os jejús, & vigílias trazia ella consigo em toda a parte. Que ponderação devota poderá imaginar, quanto mais limitada penna, & curta lingua explicar o gosto, & espiritual consolação cõ que Rosa se enferrou naquelle ditoso lugar? como poderia dizer ao justo o que outro semelhante amoroso, mas mystico espirito; Achei aquelle a quem minha alma tanto ama, & hũa vez que o achei, o ei de ter fortemente apertado comigo, nem o largarei de meus braços, até o metter em casa de minha mae, & dentro do pequeno cubiculo daquella que me gérou. Alli vivia Rosa dentro da casa de sua mae no meyo da Cidade, tão só por só com seu Esposo Iesu Christo, como se estivesse na Thebaida no meyo do deserto; gastando os dias, & quasi toda a noite em continua oração, & altissi-

Caut. 8.
n. 5.